

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVII Volume

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

10 de Fevereiro de 1914

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27—Lisboa

N.º 1264

Chegada do dr. Bernardino Machado



DR. BERNARDINO MACHADO, A BORDO DO «AVON», RODEADO DE SUA FAMILIA E AMIGOS

DR. BERNARDINO MACHADO DESEMBARCANDO COM SEUS AMIGOS PARA O «THETIS»—DR. BERNARDINO MACHADO, NO TERREIRO DO PAÇO, ACLAMADO PELA MULTIDÃO

CRONICA OCCIDENTAL

Filhos diletos da Aventura — só ela tem conseguido amparar a nossa fragil existencia por caminhos escabrosos e tortuosos de oito seculos.

Criou-nos o leite da sua embriaguês. Fortaleceu-nos a força do seu braço. Guiamos os seus pensamentos de desvairo. A ela devemos a energia inquebrantavel de guerreiros. A ela devemos a audacia expansiva de navegadôres e descobridôres.

Dominámos o monstro ululante do Bojador. Transfigurámos em graça e esperança abençoante o promontorio das Tormentas. Topámos com a India. Esbarrámos em Alcaccer-Quibir.

Aventura, bemdita sejas!

A ti, erguemos as mãos, unguidas de prece, e o olhar triste, velado de reconhecimento. Se admiramos em extase as tuas primeiras façanhas loucas de heroica, perdoamos também resignadamente os teus erros ultimos de idiota. Filhos de vid'airada — não somos nós quem ousará maldizer-te, ó mãe! Vascolem-nos pelas veias, dessorado, o sangue da tua loucura, a distancia alicia-nos de nostalgia, o perfume do passado embebeda-nos, e ainda sabemos dirigir palavras de saudação aos longes supremos onde a nossa ambição chegara, outr'ora, entontecida, aos paíros. Seguimos o impulso irresistivel da tua imaginativa — e se não conseguimos coroar em exito a religiosa demanda do Prestes João, alcançámos, emfim, para gloria eterna dos lusos, aprisionar, em matagaes inhospitos, armas, bagagens e torrada pessoa de Gungunhama. Deste-nos, como primicia do teu carinho, Afonso I — o Conquistador e chegaste a tempo de nos oferecer a derradeira expressão de bom-humôr e estima, Afonso VII — que ainda não tem cognome certo, e uns designam pelo titulo imperial de Augusto, ou apelido simples de Costa, e outros pelo nome baptismal de Ligorio ou integralmente, Afonso Augusto Ligorio da Costa, chefe dos démos e démo magico das finanças portuguezas.

Aventura, bemdita sejas!

Assim, manifestos iniludivelmente o muito apreço e grande amôr filial que nos merece a Aventura, deusa tutelar, mãe e senhora da nossa nacionalidade, podemos já apreciar sem melindre os desacatos a que tem dado origem nos ultimos tempos a sua rbugem de velha folgadía, bigoduda e tonta.

Consoante a opinião de sabios conscienciosos e bem-intencionados, Aventura, cansada dos desmandos da sua juventude turbulenta, resolveu tomar estado e reconheceu o tratado de Methuwen. Por conselhos dum Marquês que usava luneta e elixires de regeneração, escolheu para marido Bom-senso e exigiu ao sacramento da confirmação um nome-de-guerra, lindo e novo — Politica. Desde então, é por este nome simpatico que todos os vadios e patifes profissionaes a conhecem. Politica! Mas, segundo consta, por pouco tempo, durou a harmonia conjugal e eis que a malreprimida esposa, começa, a ocultas, de rastejar as carnes pelas esquinas dos bêcos e esconsos do palacio. Aventura — mal te reconhecemos já sob esse novo aspeto... Dizem físicos expertos que a tua

ultima hora se aproxima. Um suor de agonia já banha a tua altiva e incandecida fronte. Tens crescimos de febre. Os teus desmandos de linguagem isolam-te das civilizações.

Os teus gestos incoerentes e perturbados precipitam-te. Aventura — confia-nos o segredo da tua metamorfose. Appetite de velha? Vicio de ociosa? Intriga de mulher perdida? Confia-nos, pois, o teu ultimo segredo — que nós somos discretos e mudos como tumulos. Na idade de ouro da tua mocidade, tiveste artes e manhas de conquistar a India e dela soubeste auferir a riqueza preciosissima de — um côco e uma banana. Chegou para ti a idade de ferro e quizeste tu ataviar-te de novas galas e armaduras modernas para tomar de assalto a ilha de John Bull?... Serás tu, acaso, como a rameira impudica de que nos fala a Escritura-Sagrada, que se expunha aliciadôra e nua pelos caminhos para tentação do viajero tardivago?...

O que é certo é que Aventura, sob o nome gracioso de Politica, refugiou-se no palacio do largo de S. Bento e das orgias demoniacas que ali tem desenrolado, só podem dar nota exata, não os taquigrafos de aluguer, mas os frisos doirados dos portaes e o vidro fôsko do tecto. Entanto, por vezes, ainda a mão possante do Bom-senso, sabia impôr respeito e guardar conveniencias de bôa sociedade. Mas, recentemente, sobremodo desgostosa do prosaísmo farisaico de seu marido, decretou imperiosa a lei do divorcio e remeteu Bom-senso para as áfricas como desembargador ou presidiario recomendado.

Nos ultimos anos, as orgias ultrapassaram todas as medidas previstas e legaes. A Politica pôs braceletes de pechisbeque nos artelhos e nas tranças guisos de loucura. Ha poeiradas afrodisíacas no ambiente. Pelos cantos escusos das Côrtes, os senhores-da-situação vomitam carrascão e doestos ignominiosos. Os copos quebram-se com furor e uma tinta negra despeja-se e alastra, mais e mais, e inunda de lama todas as consciencias. Raivam pelo ar gritos de Carnaval. As galerias aplaudem, dirigem chufas e arremessam papelinhos. Surgem tiranetes de papelão e valetes cinicos que incutem atrabiliariamente pavôr nas almas e revoluções nos estômagos repletos. Os gestos mudam de expressão, os rostos glabros tornam-se lividos — e tudo acaba, emfim, por contorcer-se num riso longo e irresistivel e murmurinhante...

Entrementes, batem á porta.

Quem será?... Miseria? Febre Tifoide? A Morte?

No xe xabe — como diz o honrado môço-de-esquina, que poderia muito bem darnos conselhos de diplomacia e noções sobre finanças domesticas. Todos fogem, em debandada, aos galgões, atabalhoadamente.

A Politica tomba inanimada, acorda de estremunho, sofre delíquios, tem crescimos de calenturas. Estatelada no seu leito de dôr e agonia, enxerga, ao longe, espectros ameaçadôres. Pesadelos põem sombras de susto panico na sua consciencia perturbada. E nos seus sonhos perdidos e dementes, pressente dolorosamente que uma aranha monstruosa e venenosa começa de tecer, a enredal-a, mais e mais, um plano vasto e quasi imperceptivel de conquista...

ANTONIO COBEIRA.

Dr. Bernardino Machado

Chegada a Lisboa

Com enorme anciedade de Portugal inteiro, fundeu em aguas do Tejo, o paquete magnifico da Mala Real Inglêsa — o *Avon*. Horas antes de aportar, já toda a curiosidade lisboeta tinha volvido os olhos para os longes que breve esfumariam a silhueta do navio em regresso.

A bordo, vinha o sr. dr. Bernardino Machado, nosso ilustre embaixador no Rio de Janeiro, e esperança da Republica no momento de crise e escandalo que atravessamos.

Os relevantes serviços que assiduamente presta á nacionalidade portugueza, quer dentro do nosso territorio, quer em terras de Santa Cruz, tornam-no credor da nossa mais alta consideração. As suas brilhantes qualidades de espirito, o pundonor do seu caráter, as virtudes do seu coração amantissimo de patriota, indigitaram-no como o homem que no momento actual, de certo modo, poderia desanuvar a pesada situação politica. Oxalá que as esperanças formuladas não sejam desmentidas e a nossa politica tome orientação mais conveniente.

O acolhimento que ao sr. dr. Bernardino Machado dispensaram os seus numerosos amigos e admiradôres, devia ser para sua Ex.^a enternecedôr. A enorme multidão que se apinhava compacta por todo o vasto largo do Terreiro do Paço, aguardava-o, a pé firme, resistentemente, e, na verdade, por vezes, a manifestação de simpatia que lhe fez, assumiu proporções de indescrivivel entusiasmo. Pelas 7 horas e 3 quartos recebeu-se a comunicação de que o *Avon*, já tinha passado entre torres. E logo nessa direção seguiram varios vapôres que a bordo levavam familia do ilustre diplomata, amigos, varias colectividades, socios de centros de propaganda, e diversas filarmonicas e sociedades de musica. A breve trecho o sr. dr. Bernardino Machado transportou-se para o *Thetis*, a convite do sr. dr. Afonso Costa, e o barco foi seguindo, em direcção ao Terreiro do Paço, entre palmas e vivas, acompanhado dum longo cortejo de embarcações. A chegada do pequeno barco ao chamado Caes das Colunas, a multidão enorme que ahi se encontrava, rompeu em aclamações entusiasticas á patria portugueza e personalidade politica de Bernardino Machado. A populaça vitoriava-o intensamente — e esta manifestação demonstrou-lhe, á evidencia, quanto ele é querido e quanto dele se espera. Ali recebeu os cumprimentos de varias entidades ilustres, como os srs. dr. Antonio Macieira, Tomaz da Fonseca e dr. Vicente Ferrer, encarregado dos negocios do Brazil, representantes de associações, centros e escolas da capital.

Apenas recém-chegado, o sr. dr. Bernardino Machado recebeu convite oficial para comparecer no palacio de Belem, logo que lhe fôsse possivel.

Segundo dizem os jornaes, já tomou encargo de organizar ministerio, e firmemente se empenhou a resolver o caso politico, com elementos absolutamente extra-partidarios.

Pacificação geral e ampla amnistia aos implicados nos movimentos insurreccionaes — eis intuitos benemeritos que o ilustre homem-de-govêrno se propõe realizar.



Estamos cintados, mas falta-nos a... «adresse!»...

A Catedral

Ao Mário de Sá Carneiro



SOL vai orquestrando os góticos vitrais,
As rosas do jardim, a luz do meu amor...
Eu oiço o teu eltar e escuto os teus sináis,
Eu nos meus olhos oiço, em melodia, a côr...

Reza agora no poente a catedral imensa
Erguendo para o céu em santo misticismo
As maceradas mãos. A Natureza pensa...
Entro na catedral, ergo-me em Deus e scismo...

Calaram-se os vitrais. O sol omnipotente —
A cabeça ideal do pálido Jesus
Que do corpo a cortou só para nos dar luz —

Na bacia do mar tombou pesadamente!...
Vou-me descer de Deus... A noite agora é calma...
A catedral morreu... Eu só lhe vejo a Alma!

20-12-913

Antonio Ferro.

PELO MUNDO FÓRA

O illustre escriptor, antigo chronista do OCCIDENTE e actual encarregado de negocios de Portugal em Constantinopla — o sr. *Alfredo de Mesquita* — realisou n'aquella capital, na *Sociedade Internacional Israelita Béne-Beuth*, uma conferencia, em francês, ácerca do projecto de lei submittido ao nosso Parlamento sobre a colonisação israelita do Planalto de Angola, a qual, com muita honra para aquelle nosso distincto representante, foi publicada no *Jeune Turc*, orgão do actual governo.

Ligado com as machinações politicas da *Joven Turquia*, acaba de commeter-se em Paris um crime e uma tentativa de assassinio na pessoa de *Cherif Pachá*.

O general *Cherif Pachá*, antigo embaixador da Turquia em Stockolmo, filho de *Said Pachá* e cunhado do principe *Said Hain*, actual grão vizir, fundou ha tempo o grupo *União Liberal*, adversario terrivel do governo joven turco, e foi viver para *Paris*, onde dirige a revista *Mecherontiette*, orgão do partido constitucional da entente liberal. Os seus ataques, dirigidos com a mesma força com que em tempos fustigou os actos do *Sultão Vermelho*, accusando o actual governo dos assassinatos, concessões e outros crimes e tornando-o responsavel pelas recentes desgraças da Turquia, deram origem á formação de um *complot* para lhe tirar a vida. Nesse intuito entrou-lhe em casa, um assalariado, chamado *Djevad bey*, que alvejou o criado *Ismail Hakki*, pretendendo desembaraçar-se desse importuno a fim de consumir o seu plano.

Entretanto apparece o tenente *Salih bey*, genro do general, e um valente galardado na guerra balkanica, o qual, vindo prostrado *Ismail*, tira-lhe o revolver, cujas cargas exgotta. Dirige-se immediatamente ao quarto de sua mulher, a *princesa Eminé*, de cujo revolver se serve com extraordinaria pericia, trespassando o coração do facinora. *Cherif pachá*, accorrendo, viu dois cadaveres, e ficou convencido de que o seu corpo corre cada vez maior risco.

Decididamente os jovens turcos são mestres na arte de fazer emmudecer os adversarios!

O Japão, soffreu ainda ha poucos mezes a perda do notavel estadista, o *marquez de Katsura*, a quem coube a honra da gloriosa marcha nipponica atravez da *Coréa* em direcção á *Mandchuria* e que foi ministro da guerra no governo de *Oyama*, presidente do conselho de 1901 a 1906 e em 1908, tendo iniciado solidas reformas do exercito japonês. No mês findo perdeu o almirante *Conde Ito*, um dos mais notaveis officiaes de marinha dos nossos tempos, chefe do estado maior naval na guerra contra a *China* e contra a *Russia*.

Nasceu em 1843 em *Kagoshima*, a ilha onde ha pouco se deu a terrivel erupção vulcanica de que ultimamente falámos. Ito entrou para a marinha em 1868, quando todas as atenções se dirigiam apenas para o exercito como força defensiva. Só em 1872 é que o Japão lançou as bases da esquadra, que é hoje a sua maior força. O *Conde Ito* distinguio-se logo de principio commandando o velho *Stonewall Jackson*,

o primeiro navio da moderna esquadra, adquirido nos Estados Unidos.

Era chefe da estação naval de *Yokosuca*, quando em 1894 foi chamado para commandar as forças nipponicas contra a *China*. Embora os chinêses tivessem mais navios e de maior poder, commandados pelo almirante *Ting*, o que é certo é que os seus officiaes e marinheiros, os elementos essenciaes do poder naval — que depende mais de homens adestrados e disciplinados do que de navios — eram incapazes de resistir aos japonezes, que muito haviam aproveitado com a instrucção das



ALFREDO MESQUITA

missões navaes britannicas. Na batalha de *Yalu*, que durou cinco horas, o almirante *Ito* cortou o caminho do inimigo, ganhando a batalha, apezar da inferioridade dos navios. O seu triumpho resultava apenas da grande velocidade, do patriotismo, da disciplina e pericia estrategica da armada. Os japonezes tomaram em seguida *Porto Arthur*, e, se não fosse o *Golpho de Petchili*, teriam entrado em *Pekin*.

Quando rebentou a guerra contra a *Russia*, foi escolhido o *Conde Ito* para organizar o plano estrategico da esquadra japonesa, sob o commando do almirante *Togo*, contribuindo para o triumpho maritimo do Japão contra o colosso russo.

Já que alludimos a estrategia e seus audazes cultores, justo é que digamos alguma cousa sobre o *Marquez de Palavieja del Castillo*, capitão general do exercito espanhol fallecido ha dias. O seu nome está ligado á historia militar e politica da Espanha, que *Palavieja* illustrou durante uns cincoenta annos, tendo começado por simples soldado, embora pertencesse a uma antiga familia aristocratica. Entrou no exercito como voluntario em 1858 e pouco depois fez o seu baptismo de sangue em *Africa* com o general *O'Donnell*; distinguio-se nas batalhas de *Castillejos*, *Tetuan* e *Wad-Ras*, onde foi ferido. Enviado a *Cuba*, tomou parte nos combates contra a insurreição, sob o commando do *marechal Martinez Campos*. E' promovido a general e a

marechal de campo, e nomeado governador de *Porto Principe*. Em 1879, sendo governador de *S. Thiago de Cuba*, reprimiu com mão de ferro uma formidavel insurreição.

Regressando a Espanha, entrou no conselho superior de guerra e marinha, e, nomeado capitão general da *Andaluzia*, distinguio-se pelo castigo que inflingiu com toda a energia á famosa associação da *mão negra*. Com o mesmo rigor pacificou o *archipelago das Filipinas*.

Doente e quasi cego d'um olho passou á reserva e entrou na politica, tendo sido senador, ministro da guerra, presidente da *Cruz Vermelha* de Espanha, chefe da casa militar d'*Affonso XIII*, presidente do conselho superior da guerra e marinha, etc.

Em 1910 foi nomeado chefe da embaixada espanhola ás festas do centenario da independencia do *Mexico*.

O *marquez de Palavieja* foi um escriptor politico e militar de valor, pela precisão e documentação dos seus trabalhos. Escreveu muitos volumes sobre as suas campanhas, e um ácerca do conquistador do *Mexico* *Fernand Cortez*, que merece especial destaque.

A proposito da Espanha regista-se a morte do tenente-aviador *D. Maximo Ramos Martinez* no aerodromo de *Cuatro Vientos*, em *Carambachel*, d'onde tem sahido um grupo de aviadores, que actualmente abrilhantam os feitos militares em *Marrocos*.

O tenente da guarda civil *Ramos* cahiu com o seu biplano, que ficou num montão de bastilhas, lonas e ferros retorcidos. A morte foi instantanea.

Este denodado aviador nasceu em *Vianna do Castello* em 13 de Julho de 1886, onde sua familia costumava ir veranejar. Viu pois a luz do dia na formosa cidade do nosso *Lima*, terra d'encantos, que decerto muito apreciava o pae do mallogrado aviador, o general *D. Maximo Ramos Orcajo*, conselheiro do Supremo de Guerra e Marinha.

Tambem a França tem a lamentar a perda do grande general *Marie Georges Picquart*, nascido a 6-9-1854, e que era o mais novo dos tenentes-coroneis, quando em 1897 deviam dar-se os acontecimentos que lhe haviam de illustrar ainda mais o nome.

No periodo aureo da sua brilhante carreira o general *Picquart* vê-se subitamente riscado do exercito! E porquê? Porque *Picquart* era um espirito sedento de justiça, uma victima da verdade. Surgia a celeberrima *questão Dreyfus*, que durante oito annos agitou o mundo e que abalou profundamente o exercito francês. *Picquart* — cuja divisa era: *aucune adversité ne saurait abattre celui qui a pour soi la justice et la verité* — offereceu-se em holocausto para salvar a honra da sua nação, fazendo triumphar a justiça e a verdade, supportando o seu martyrio com resignação sobrehumana, e, ganha a victoria, subtrahindo-se modestamente ás ovações que lhe dirigiam.

Era chefe do serviço de informações do ministerio da guerra quando reconheceu que o capitão *Dreyfus* fôra victima d'um erro. Fez immediatamente o seu protesto. Valeu-lhe o ser mandado para os confins da *Trepolitana*.

Pouco depois foi chamado a Paris para depor no processo *Esterhazy*, sendo preso.

Surge entretanto o grande *Emile Zola* a favor de Dreyfus também.

Picquart bate-se em duello com o capitão *Henri*, que é reformado por falta grave.

Em 1898 o ministro da guerra, *Cavaignac*, afirma a authenticidade da accusação contra Dreyfus. Então Picquart veiu a publico declarar que a accusação era falsa. Prendem-no durante onze mezes. Segue-se o primeiro processo da revisão no tribunal de *Rennes* em 1899 e depois a segunda revisão, que terminou pelo reconhecimento da innocencia de Dreyfus.

A 13 de Julho de 1906, as camaras votavam a reintegração de Picquart no posto de general de brigada.

Foi ministro da guerra com *Clemenceau*, de Outubro de 1906 a Julho de 1909.

A França perdeu um militar que soube dar, em circumstancias difficeis, um nobre exemplo de coragem moral, e salvou a honra do exercito. Picquart revelou-se, além de militar distincto, um espirito eminentemente cultivado: — polyglotta, homem de letras, melomano e homem de sociedade.

Poucas horas apoz o desaparecimento d'aquelle grande benemerito, falleceu outro amigo da justiça, campeão também da causa Dreyfus. Trata-se de *François de Pressensé*, que foi secretario de embaixada em *Constantinopla* e em *Washington*, profundo conhecedor da politica internacional, assumpto que tratou no *Temps*. Foi um dos mais sinceros, eloquentes e influentes *leaders* da campanha de revisão, grande amigo de Picquart e presidente da *Liga dos direitos do homem*. Na reforma da lei por que actualmente se rege a igreja catholica em França, foi, por sua iniciativa, introduzido o principio, d'accordo com as regras da fé catholica, de que nos seus templos se não pode celebrar o culto de qualquer outra religião. *Pressensé* nasceu *huguenote*; depois fez-se socialista e agnostico. Attrahia-o o estudo da igreja catholica romana, e conhecia admiravelmente a lingua e litteratura inglêsa, que enriqueceu com o livro — *Ireland and England since the Act of Union*. Era hellenista consummado, e como tal dedicou-se ao estudo das *Constituições de Athenas*, que não chegou a publicar.

Aos 17 annos entrou na *guerra franco-prussiana*, como ajudante de campo do general *Chanzy*. Os prussianos capturaram-no em *Le Mans*, quando elle no quarto do hotel estava lendo uma edição de *Herodoto*, que pouco antes adquirira num alfarrabista.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Arte romanica

A proposito da exposição Marques d'Abreu

Dia a dia o inéditismo que envolve as manifestações artisticas do nosso país, vae desaparecendo com os esforços dos poucos que tem votado a este resurgimento uma dedicação profunda e uma abnegação desinteressada.

A arqueologia foi sciencia que tarde appareceu entre nós, e d'ahi o ignorar-se,

ainda ha menos de meio seculo, grande parte de monumentos, hoje considerados notabilissimos e indispensaveis para a formação da nossa historia d'arte.

As palavras do conde de Raczynski mostram a sua admiração pela pequena antologia portugueza que lhe foi dado conhecer. Da sua observação resultou um modo de vêr que nos orgulha, modo de vêr este que elle deixou expresso nas obras que escreveu. A arquitetura foi o ramo em que os portuguezes, no seu entender, deixaram provas duma tendencia frizante: «a perfeição dos seus monumentos, sob o ponto de vista da execução, bem prova que esta arte é verdadeiramente nacional.» E Raczynski não conhecia ainda os belos documentos dum estilo que na Hespanha, França, Inglaterra, Alemanha e Italia tinha tão larga representação e que entre nós permanecia ignorado por circumstancias explicaveis.

Garrett fala-nos d'ele, quando se refere a um genero arquitetónico «especial nosso», adaptando-lhe a designação de *mosarabe*, resultado de uma filiação ethnica.

Teofilo Braga, em 1870, ano em que começou a esboçar-se o estudo do estilo, escrevia: «O norte de Portugal abunda em excelente pedra para construções grandiosas, tem o granito duro, para as formas eternas, apto para reproduzir a rudeza bizantina; de facto, é ao norte de Portugal aonde se encontram os primeiros e mais venerandos trabalhos de arquitetura, não tão delicados como os rendilhados labores da pedra calcarea do sul, mas em maior numero e em todas as edades como produtos de uma necessidade vital.» Teofilo refere-se claramente aos monumentos romanicos em que se notavam influencias apenas bizantinas.

Os trabalhos de investigação archeologica realizados em França, principalmente por Gerville e A. de Caumont, despertaram quatorze annos mais tarde em Portugal um dos mais cultos espiritos que a sciencia portugueza tem possuido: Dr. Augusto Filipe Simões, autor das *Reliquias da arquitetura romano bizantina em Portugal*, livro onde os caracteristicos do estilo romanico se encontram exemplificados com monumentos vernáculos. A cidade de Coimbra tem neste trabalho especiaes e detalhadas referencias, ao talar-se da Sé Velha, das igrejas de S. Cristovam, hoje desaparecida, de S. Salvador e de S. Tiago.

Lêm-se devotamente estas paginas eruditas, onde a beleza dessas pedras amareladas avulta mais aos nossos olhos. Falo d'ele com especial carinho, porque me evoca um ambiente querido que merecia a alma de um Ruskin para o descrever, sentindo-o!

Filipe Simões foi o principal iniciador, e, d'então para cá, tem contribuido para o conciso inventario e identificação dos monumentos romanicos em Portugal, nomes como os de Augusto Fuschini, já falecido, os professores Joaquim de Vasconcelos, D. José Pessanha e Antonio Augusto Gonçalves, Dr. Manuel Monteiro e outros de que muito ha a esperar.

Propositadamente deixámos de incluir entre eles o nome de Marques d'Abreu, que hoje se pôde considerar como um dos que mais teem trabalhado no estudo do romanico entre nós. A conferencia que o sabio archeologo Joaquim de Vasconcelos realizou no Ateneu Commercial do Porto,

por ocasião da abertura da exposição da Arquitetura Romanica em Portugal, veiu mostrar o quanto atingiu a iniciativa de Marques d'Abreu, creatura que se não tem poupado aos maiores sacrificios para realisar o seu sonho, apenas conhecido dalguns amigos espirituales com quem conversava. Vive recolhido dentro de si, trabalhando sempre na arte a que se dedicou e onde ocupa logar proeminente. Os seus ateliers de fotogravura são considerados entre os primeiros do país, e só de lá podiam sahir trabalhos como os publicados na extincta revista *A Arte*, por ele fundada e ultimamente dirigida pela esclarecida orientação do professor e artista João Augusto Ribeiro. Bastaria só a publicação da *Arte* para Marques d'Abreu merecer louvores; mas a acrescentar a isto existe a ação tenaz que tem exercido para a descoberta de novos elementos e para o complemento dos estudos feitos na archeologia monumental portugueza.

Quem visitasse a sua exposição, ignorando a arte romanica, sahiria de lá elucidado com os exemplos persuasivos do estilo inconfundivel que a fórma.

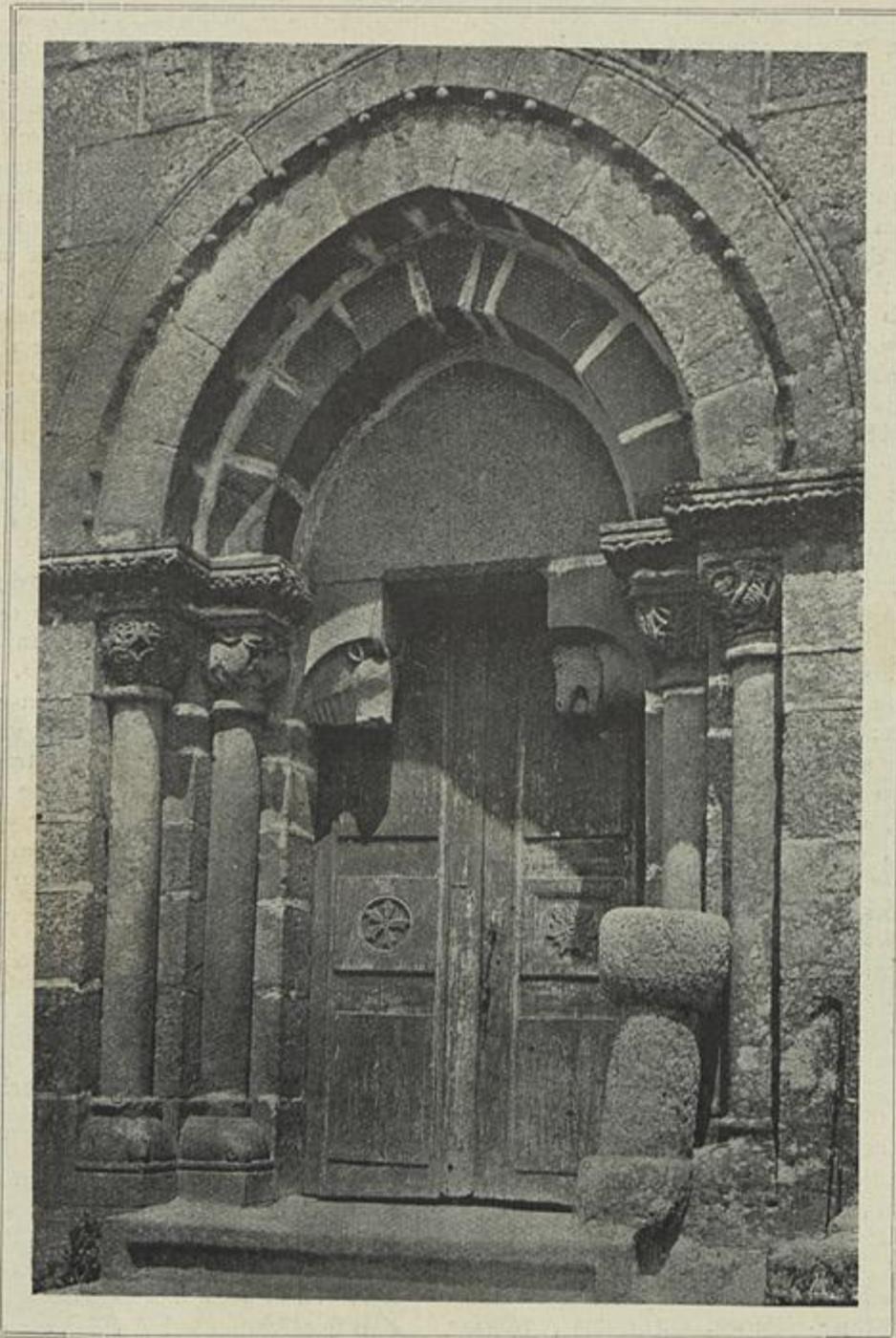
A arte romanica em nada nos desperta lembranças do estilo helenico; vive liberta, na sua quasi totalidade, das tradições architecturaes classicas, ergue-se como um simbolo da fase religiosa por que passou o cristianismo. Apesar dos elementos profanos que n'ela se distinguem, podemos considerá-la como um reflexo das crenças que tumultuavam nas almas misticas dos seculos XI e XII. E' uma arquitetura de monjes que inspira recolhimento com os seus interiores sombrios mas suaves. Luz branda e coada pelos templos onde o cantochão se entoava sob as arcarias dos triforios!

Vida do além no milagre da alma fugindo alada para Deus! Lagrimas de martires chorando felizes pelo sofrimento! Irmãos da Senhora Pobreza litaniando a paixão desenrolada na tragedia de Golgotha! Tudo isto a arte romanica resume significativamente! A Sé Velha de Coimbra, para quem uma vez transpôs o seu portico, nunca mais esquece: as naves mergulham-nos no isolamento da paz tumular. Ha vozes esparsas cantando plangentemente em suplica as frases votivas: «*Deus meus ad te de luce vigilo!*»

Não terei a pretensão de neste curto artigo caracterisar o estilo romanico com as suas escolas notabilissimas de Auvergne, Poitou, Périgord, Provença, Borgonha, Normandia, etc., e as suas similares em Hespanha e Portugal. O leitor encontrará elementos nos escriptos dos autores acima mencionados e, principalmente, como ponto de partida e trabalho de synthese, na introdução á monografia sobre S. Pedro de Rates, do Dr. Manuel Monteiro. Da sua leitura colhem-se bons principios que servem de guia nos monumentos romanicos. Procurarei apenas traçar aqui as minhas impressões sobre os trabalhos que Marques d'Abreu expôs, detalhando, tanto quanto possivel fôr, neste limitado espaço que me destinam, as particularidades observadas.

Cumpre-me, em primeiro logar, citar as fotografias dos monumentos especialmente descobertos por Marques d'Abreu: a Igreja de Freixo de Baixo (concelho d'Amarante), com a sua torre lateral a dar-lhe o aspecto de fortaleza; a Igreja de Vila Boa de Quires

Exposição no Ateneu Comercial do Porto, de fotografias de Arquitetura Românica em Portugal por Marques Abreu



PORTA LATERAL DA IGREJA DE VILA BOA DE QUIRES (CONCELHO DE MARCO DE CANAVEZES)

(concelho de Marco de Canavezes), transição do românico para o ogival nas arquivoltas das portas lateral e da fachada, e na janela em que o mais pequeno arco é uma ogiva de terceiro ponto; por ultimo a Igreja de Lourosa, estudada pelo prof. Joaquim de Vasconcelos na revista *A Arte* e pelo joven archeologo Vergilio Correia, que a este respeito publicou uma monografia, absolutamente independente do trabalho do primeiro. Sobre a prioridade da descoberta não discuto porque sobre isso nem Marques d'Abreu nem Vergilio Correia trocaram publicas impressões.

Na exposição viam-se partes de edificios românicos, em evidente passagem para o gótico: a janela da Igreja de Cerezelo, a arcaria da Igreja de Travanca (arcos mitrados), os arcos das capelas-móres das Igrejas de S. Miguel (Entre os Rios) e de Cete (concelho de Paredes), as arquivoltas das Igrejas de Paço de Sousa e Aguas Santas.

Só a parte que diz respeito a timpanos merecia referencias minuciosas: os timpanos das Igrejas de Rates, Rio Mau, Paço de Sousa, Travanca, Cedofeita, Bravães d'Aguas Santas, etc. A ornamentação das

arquivoltas e das columnas que as sustentam tambem largamente se destaca nas fotografias de Marques d'Abreu. Observando-as pode-se fazer um interessante estudo comparativo. Veja-se, por exemplo, a porta principal primitiva da Igreja de Vilar de Frades: a iconografia da terceira arquivolta é notavel pelas imagens que a ornã. Uma delas, sita no lado direito, representa um musico tocando uma especie de *crowth*, antepassado do violino. As outras figuras são gurreiros, armados d'elmo e paládio. Cada uma das arquivoltas tem motivos decorativos diversos: na primeira, interior, *interlaçados*; na segunda, ornamentação animal e na terceira, ornamentação humana. Não podemos esquecer a porta principal da Igreja de Ferreira com as arquivoltas delicadissimas: é um trabalho em granito, cheio de harmonia.

Queria ainda referir-me á ornamentação dos capiteis, a que parece presidir uma regra obrigatoria, ditada por crenças severas: nalguns quasi que predomina a lei da pontalidade!

Quanto á iconografia tumular, Marques d'Abreu apresentou-nos os tumulos d'Egas Moniz, de D. Pedro, Conde de Barcelos, com a sua tão citada caçada ao javali, representada numa das faces, e os sarcofagos românicos das Igrejas de Grijó e Pombeiro. Marques d'Abreu tinha na sua exposição muitos mais exemplares d'arte românica, sobre que devia incidir uma critica conscienciosa, escripta vagarosamente: traçar-se-hia assim o maior elogio ao seu esforço.

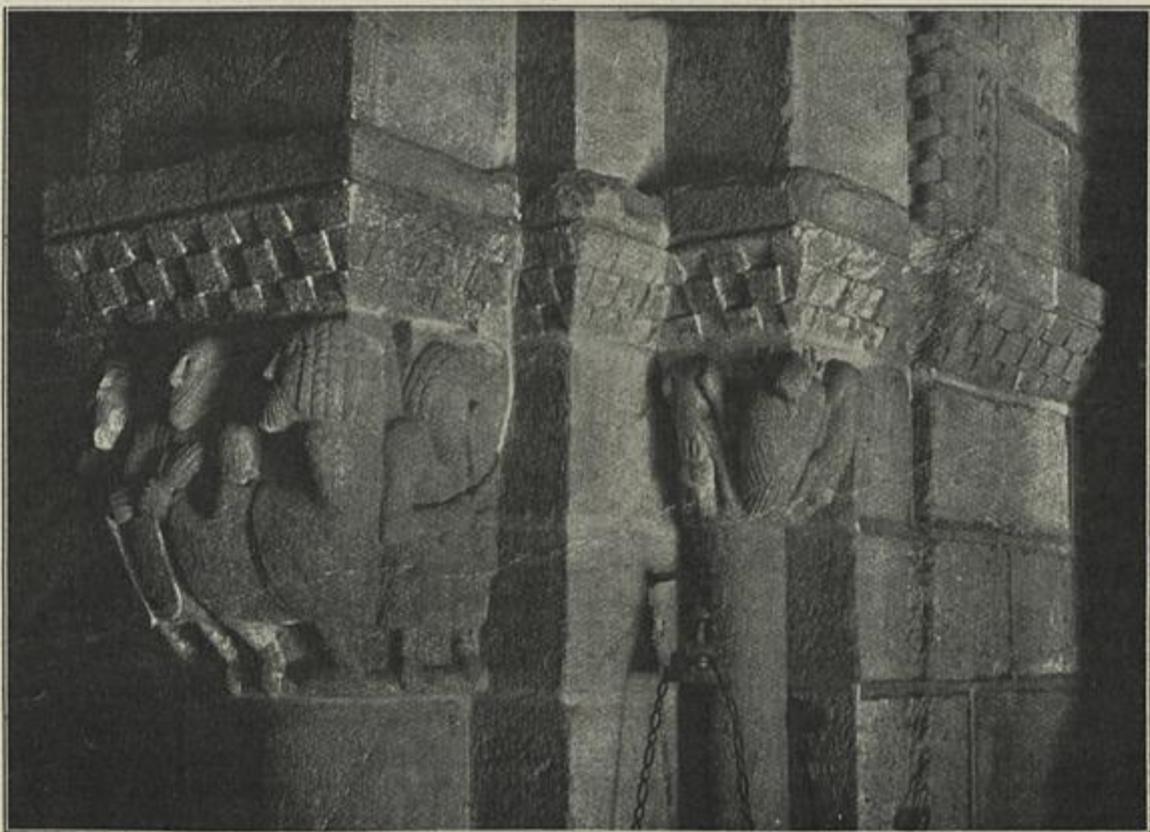
Porto — Janeiro — 1914.

A. ARÃO DE LACERDA.



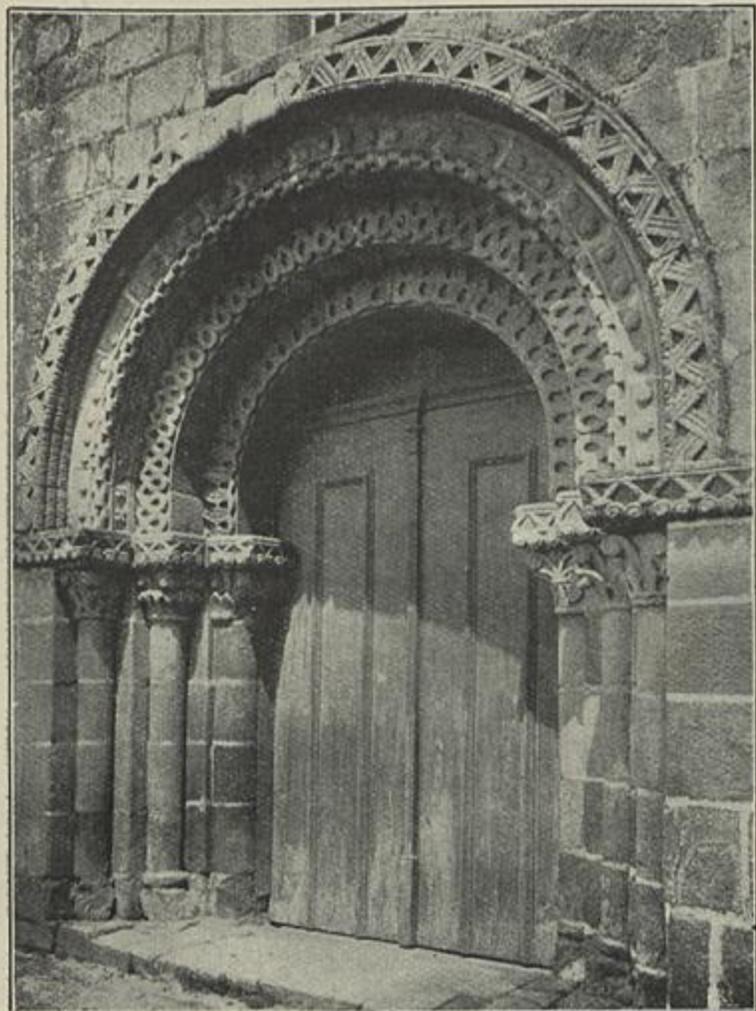
O maior inimigo do amor é o ridiculo. Para que o amor lhe resista, é preciso que seja como a poesia, que resiste á tragedia, isto é, sublime.

La Rochefoucauld.

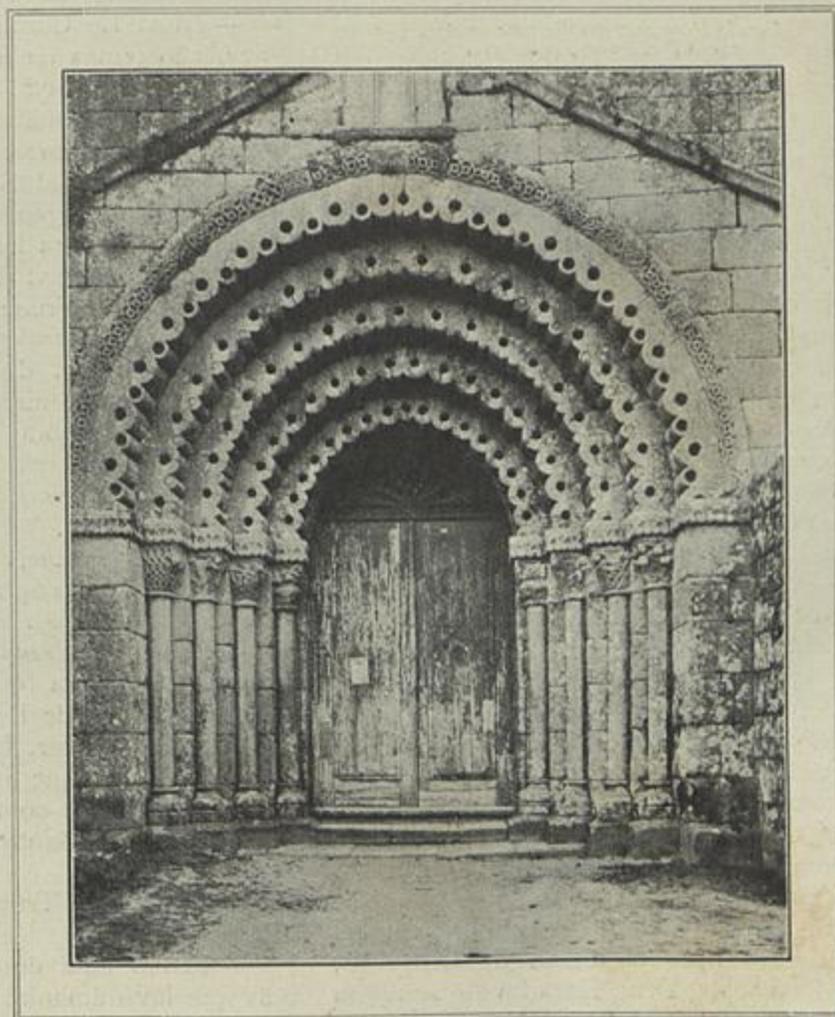


CAPITEIS DO ARCO TRIUNFAL NA IGREJA DE RIO MAU (CONCELHO DE VILA DO CONDE)

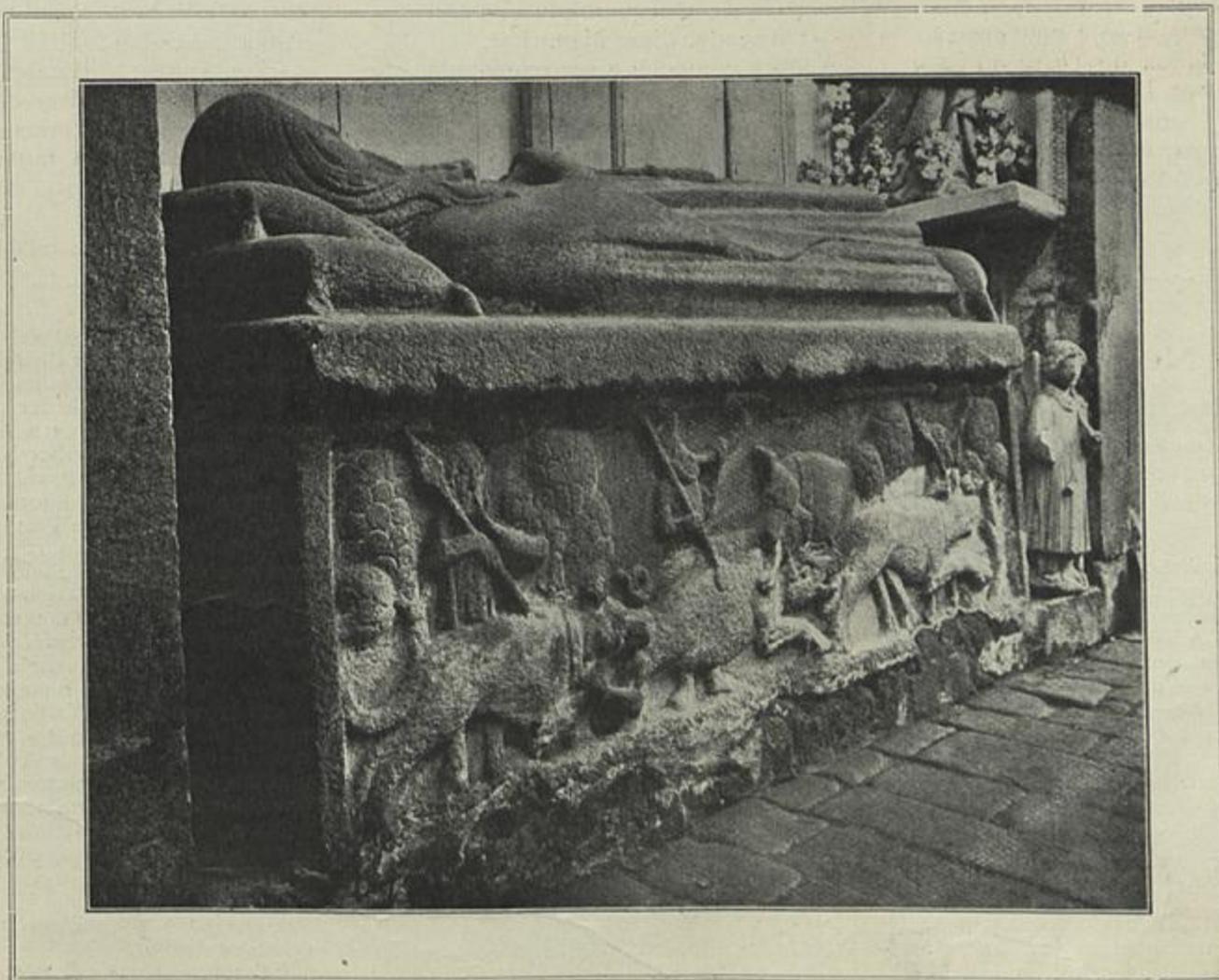
Exposição no Ateneu Comercial do Porto
de fotografias de Arquitetura Românica em Portugal, por Marques Abreu



PORTA PRINCIPAL DA IGREJA DE MANHENTE (CONCELHO DE BARCELOS)



PORTA PRINCIPAL DA IGREJA DE FERREIRA (CONCELHO DE PAÇOS DE FERREIRA)



TUMULO DE D. PEDRO, CONDE DE BARCELOS, NA IGREJA DE S. JOÃO DE TAROUCA
(Clichés de Marques Abreu)

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Segunda parte

I

A CREMALHEIRA DE MUSICA

(Continuado do numero antecedente)

Festa Nocturna não era comprehensivel no piano. Sômente os timbres da orchestra eram aptos para traduzirem toda a riqueza musical da descripção, pois a *Festa Nocturna* é uma obra totalmente cheia de mil contrastes como, quadrilhas, e mil aspectos de uma feira.

— Ah! que musica tão extraordinaria! disse Luciana.

— A orchestra nas flautas, violinos e metaes traduzem todos os aspectos, explicava Mangrisse.

— E' completamente symbolico, disse o poeta Lancelot.

— Não tudo! disse Mangrisse, valendo-lhe um olhar de desprezo de Maria Dolores, vou-lhe dar um aspecto das minhas obras, *Idyllo e Drama rustico*.

Ouviu-se tocar á campainha.

— Deve ser Fombreuse.

Era effectivamente o grande artista. Fombreuse apertou a mão de Mangrisse, de Marsan, de Yvan Keradeve e renovou conhecimento com o organista Aubernan que ha annos não via.

Fombreuse pediu desculpas de ter chegado tão tarde, mas jantára em casa de amigos. Lescourias sorriu-se, parecendo dizer: «Já sei, já sei!»

Fombreuse nada notou, pois ha tempos andava sempre na lua.

Após a musica seguiu-se a conversação animada. Marsan fallou de *Orfeo* no castello de Feunteungoat. Destalbert para que a condessa ficasse contente, após a sua formal recusa a tocar, escreveu um longo artigo no *Menestrel* fazendo á festa os maiores elogios.

— Ah! o scenario, disse Keradeve, ficou bem patente o talento d'um artista para mim ignorado, o gravador Steinbaum, o Alberto Dürer do nosso tempo.

— E' um *Orfeo* magnifico!

— Anna Le Cozan revelou-se uma tragica, não temos melhor.

— E a Salviane?! disse a sr.^a Rostaing.

— Uma insignificancia comparada com esta. Manet celebraria uma nova Malibrau.

— Que duvida! S. João de Doigt é a região dos milagres, disse Lescourias piscando o olho para Fombreuse.

— E Destalbert, o monge do piano? perguntou Mangrisse com ironia, sempre tocou?

— Uma noite, disse Fombreuse, para seis pessoas, que maravilha!

— Elle não pôde sentir a musica moderna.

— Eu sei, mas quando se toca assim musica classica...

— E' um *poseur*, disse Maria Dolores.

— Qual a vossa opinião? perguntou Mangrisse a Lescourias.

— Não posso negar o seu talento mas não me agrada a fórma como executa as ultimas sonatas de Beethoven.

— Deverá dizer, Lescourias, interrompeu Keradeve, que a musica moderna que V. Ex.^a tão bem comprehende, fez esquecer a V. Ex.^a o sentido da musica anterior a Beethoven.

— Talvez... Trouxeste alguma obra, Fombreuse?

— Tenho aqui uma copia d'uma melodia que levo amanhã ao editor.

— As minhas felicitações, tu vaes subindo! Tu não me disseste que esperavas este inverno ouvires em algum concerto uma das taes ultimas obras?!

— Espero isso... mas não posso dar a certeza. Se o sr. Bunière ou a sr.^a Rostaing quizesse vêr a minha musica...

— Porquê, não queres tu cantar?

— Obrigado, disse Mangrisse.

A obra começou a ser executada, poema d'amor, musica d'amor, voz d'amor, fazendo lembrar Mozart. O canto seguia com naturalidade, e o piano ia traduzindo toda a gamma do colorido musical.

Bunière, Keradeve, o dr. Marsan e Au-

bernan applaudiram, absorvidos pela sinceridade poetica que a obra despertava.

Lescourias e Mangrisse apenas disseram: «Bem, muito bem» entre dentes.

— Faz recordar um *lied* de Schumann, concluiu Mangrisse.

— Obrigado pela honra, respondeu Fombreuse, pegando do manuscripto das mãos de Mangrisse.

— E o dono da casa não nos mostra nada? perguntou a sr.^a Rostaing.

Bunière cantou melodias de Lescourias. A sr.^a Gardenier estava absorvida em extase!

As composições de Lescourias eram sem valor. Faltava-lhes inspiração, e a pintura monotona.

Foram bem cantadas por Bunière e agradaram a Mangrisse.

Maria-Dolores achou-as maravilhosas, os outros applaudiram por favor.

A sr.^a Gardenier retirou-se e Lescourias foi acompanhá-la. Quando este voltou á sala, todos lhe disseram ditos sobre o caso.

— Ah! meus caros amigos, é uma creatura adorada n'um meio burguez, encontrando na viuvez a independencia necessaria para ir a toda a parte onde ha musica. Um compositor é para ella o que um poeta é para a imaginação de tantas mulheres. Eu sou o seu ideal, o seu Romeu de bandolim. Quando ella chega, vou para o piano e sahe sempre contente.

— Só isso?! murmuraram todos.

— Queriam mais?

— Quando ouço musica, disse Luciana, faço tambem os meus sonhos, somos todas as mesmas, e a vossa Gardenier entra no numero; quando uma valsa chega aos nossos corações, as pernas mechem logo...

— Mas Gardenier, disse Lescourias, é uma coisa diferente! Tem a loucura do som. Um acorde, um arpejo, uma phrase fazem-lhe uma impressão intensa. Sou como Fombreuse, tambem tenho a minha Anna Le Cozan.

Fombreuse voltou-se.

— Que queres dizer com isso?!

— Nada de mysterios entre vós; tu bem sabes que a pobre rapariga anda minada por ti! Paris inteiro já o sabe!

(Continúa.)

Arthur Napoleão

A nossa Revista, mantendo a sua velha orientação de prestar homenagem aos artistas portugueses mais notaveis, significa no numero de hoje toda a sua admiração a este grande artista do piano.

Nasceu Arthur Napoleão no Porto, em 1843, e durante a sua primeira infancia logo se apresentou em varios concertos organizados na sua terra-natal, causando o assombro de quantos o escutavam, para o que concorria a sua pouquissima idade, pois tudo se passava antes de 1852, data em que o nosso homenageado, apenas com 9 anos, foi a Inglaterra com seu pae que era um emigrado italiano, musico profissional.

Em varios salões particulares de Londres foi festejadissimo o tão joven artista, e no ano seguinte, em 1853, contando 10 anos de idade, recebeu em Paris uma verdadeira consagração official na inauguração dos concertos dirigidos pelo mestre Auber.

Voltando a Inglaterra decorrido pouco tempo, fez-se aplaudir em grande numero de concertos, publicos em Londres, Manchester, Dublin, Belfast e outras cidades do Reino-Unido.

Foi na Belgica e Alemanha que se acentuou a gloria do nosso grande musico, depois fixada em



MAESTRO ARTHUR NAPOLEÃO

Londres, no Palacio de Cristal, com uma brilhante audição de trechos difficilimos.

Em 1857, depois de ter percorrido os países que indicámos e ainda a Alemanha, Polonia e Austria, decidiu-se Arthur Napoleão a empreender uma viagem ao Brazil, onde o entusiasmo com que foi acolhido se tornou célebre.

Tendo regressado a Portugal em 1864, foi delirantemente aplaudido em S. Carlos e no ano seguinte vê-mo-lo dirigindo o grande concerto, na inauguração do Palacio de Cristal, do Porto.

Em 1866, de novo o notavel artista se encontra no Brazil, onde se tem conservado, e onde é apreciadissimo por quantos o conhecem como pessoa e como artista e tanto assim é que, ainda em 1907, o *Instituto Nacional de Musica*, importante Conservatorio do Rio, promoveu uma admiravel festa em honra de Arthur Napoleão, solemnizando o 50.^o anniversario do primeiro concerto por ele realisado na grande cidade.

Na presente data continúa o nosso illustre compatriota a manifestar aos artistas da florescente Republica Brasileira, o seu talento e raros recursos artisticos, que nós de longe tambem saudamos com a veneração que se deve ao seu incontestavel valor.

Estampando nas paginas da nossa Revista o retrato do illustre Maestro, prestamos homenagem que aos seus talentos é devida e assim satisfazemos um desejo legitimo do publico.

Chegada de Santos Dumont ao Rio de Janeiro

Cartas para a minha terra

Rio, 1-1-914.

Ao iniciar minhas cartas para a brilhante revista o OCCIDENTE, eu, ocupando-me da figura gigantesca de Santos Dumont, que ora nos visita, não podia ter feito melhor escolha.

O Rio está em festa!... Desde ha muito que o telegrapho, com a rapidez do relampago, trouxera a boa nova.

As grandes avenidas, revestidas garbosamente de flores e galhardetes, ofereciam o aspecto dos dias verdadeiramente festivos.

No coração do bom povo brasileiro, amigo do progresso e das grandes creações do pensamento, reinava uma santa alegria, o preito de veneração, que espontaneamente consagramos ao esforço supremo do homem.

As moças da capital carioca, sempre tão encantadoras, tão gentis, de olhos tentadores, com suas ricas *toilettes* côr de rosa e azul, davam uns tons coloridos á magestosa sublimidade d'aquelle quadro, em que uma multidão compacta, composta das diferentes camadas sociaes, aguardava ansiosamente a chegada do vencedor dos ares.

O *Blucher* serenamente singrava a bahia e já de terra as ovações entusiasticas atrovavam os ares.

Eu gosto destas manifestações expontaneas, porque nellas sei que está bem retratada a alma popular, que sorri e chora de contentamento.

Passavam já das seis horas da tarde, quando o *Blucher*, artisticamente iluminado em arco, lançava as amarras e atracava ao caes.

Nos coretos da grande praça Mauá, em frente ao caes, bandas militares saudavam Santos Dumont, e o povo, que o entusiasmo fizera tocar as rais do delirio, apertava-se, estorcía-se todo, na ancia de ver perto o nobre patricio, que tão alto, nas azas da gloria, levára o nome brasileiro.

E Santos Dumont, com seu aspecto tão simples, carinhoso até, sorria-se e, com uma leve palidez no rosto, denotava que aquellas manifestações lhe iam bem direitas ao coração.

Depois, o desfile do cortejo de centenas de automoveis conduzindo particulares e altas individualidades politicas, e os carros das sociedades, que se fizeram representar, foi imponente. Deslumbrante até!...

Paris, como diz muito bem um escriptor contemporaneo, a capital do mundo civilizado, em Saint Cloud, com a estrondosa inauguração do seu monumento, já tinha dito tudo.

No grande livro da historia da praça publica,



SANTOS DUMONT Á FRENTE D'UM GRUPO DOS SEUS ADMIRADORES

as gerações de amanhã, ao lerem em caracates de ouro o nome de Santos Dumont e, ao contemplarem o seu vulto de azas brancas, a querer voar nos espaços, ficarão assombradas e neste assombro vae a consagração do heroe.

E na sua patria era justo que Santos Dumont tivesse tambem o preito que lhe era devido, a homenagens dos seus compatriotas.

Causou aqui grande revolta nos espiritos pacatos dos brasileiros e mesmo nos bons portugueses amantes de sua patria, os ultimos telegramas vindos de Portugal, que relatam, com todos os pormenores, a manifestação de hostilidade feita á graciosa actriz Aura Abranches, que, durante a sua estada, aqui no Rio, com o seu modo de proceder correcto, sobremaneira honrou a sua patria.

Só pessoas de baixos sentimentos é que poderiam ter levantado o malevolo boato de que Aura Abranches, a engraçada borboleta, sempre irrequieta e gentil, que o publico carioca nunca se fartou de aplaudir no Apolo, tivesse, em conversas, ou conferencias, que nunca fez, manifestado-se hostile ao regimen republicano do seu paiz.

São estes e outros factos, que infelizmente depõem, aqui, muito contra Portugal, dando origem a comentarios, pouco correctos, da parte dos jornalistas brasileiros, apreciações estas, que me irritam e exasperam, mas que sou obrigado a suportar, sem um minimo protesto, porque vejo que ellas tradusem um fundo de verdade, que seria irrisorio pretender desmentir.

ANTONIO CRAVO.



AGUARDANDO A CHEGADA DE SANTOS DUMONT

Miniaturas

La Bonne Souffrance

Não ha consolação para as grandes máguas, como repousar num seio amigo e carinhoso. Afaga-nos, chora connosco, deixa-nos entrevêr uma longinqua esperança, e toda a nossa tristêsã acabrunhante se dilue nesae afágo, espairose nessas lagrimas, foge perante a visão radiosa dum futuro melhor.

Pensava nisto hoje em momentos dolorosos. O acúleo da melancholia espreitára a occasião propicia para me rasgar o coração. Avançára cautelosamente, como uma sombra a deslisar sobre um tapête, e depois ferira-me sem compaixão. Eu sentia o terrivel, num deleite supremo, dilacerar-me aos poucos, ferir e penetrar devagarinho, como quem saboreia e gosa voluptuosamente a dôr alheia.

Ia-me no âmago o infernal acúleo, e eu descahia numa prostração invencivel, numa fadiga, numa lassitude enervantes.

Foi hoje... ha pouco ainda. Lembrei-me de minha Mãe que em pequenino me enxugava o pranto, olhando-me com amor no seu regaço, passando e repassando os seus dedos esguios por entre os aneis da minha linda cabelleira de infante.

Lembrei-me d'ella... Mas tão longe, nem ella sabe que o seu filho idolatrado teve um momento de desánimo.

E não podendo ella dulcificar-me a dôr, volvi os olhos aguádos e entorpecidos para a minha estante de escolar. Livros de estudo, livros d'arte, livros de meditação...

Escolhi dos ultimos, porque entre todos são os melhores amigos que eu tenho. *La Bonne Souffrance*, o poema da alma, escripto pelo cantôr dos humildes, o arrependido François Coppé. Quantas vezes não tinha lido *Cloches et Lilas, Souvenir Filial, Les Cendres!*...

Abrio-o ao acaso nas primeiras paginas... no prefacio.

«Cette paix de l'âme ne s'obtient que par l'admirable discipline de la religion, par l'examen de conscience, par la prière.»

Cahindo de joelhos, piedosamente orei...

MANUEL DA GRANJA.



31 de Janeiro

Comemorações

Por diversas partes do paiz, realisaram se com entusiasmo festas comemorativas do 31 de Janeiro de 1891. Assim se prestou homenagem enternecida áqueles que, na crença fervorosa de que redimiam uma patria, ousaram na Cidade Invicta levantar o labaro da insurreição e pretenderam implantar em Portugal a instituição republicana. Cumpria, indubitavelmente, a todos os republicanos convictos, comemorar, sem entibiamto, esse dia, por preito de gratidão e incentivo de animos.

Em Lisboa, dadas estas condições de momento, não seria ele festejado com tanto ardôr como seria talvez para desejar. Entanto, o aniversario foi memorado com galhardia e palavras sinceras de glorificação. Houve sessão solene no Teatro da Republica onde se celebrou o 14.º aniversario da fundação da Escola 31 de Janeiro; allí se alevantaram discursos de entusiasmo, e se conferiram premios, que constavam de livros, roupas e di-

Comemoração do 31 de Janeiro no Porto



A MULTIDÃO NA PRAÇA DA LIBERDADE

nheiros, aos alunos que mais se distinguiram. Salas de gazetas adornaram de palmeiras e bandeiras nacionaes. Distribuiram se bodos aos pobres. Associações, gremios e centros de propaganda abriram os seus salões, artisticamente engalanados, a multidões borborinhantes que em breve vitoriavam num crescendo de delirio arreatadôr aqueles que sobreviveram ao dia comemorado, e evocavam os heroes obscuros que sucumbiram sem vêrem realisadas as suas mais ardorosas esperanças.

Mas, sem duvida, foi na gloriosa cidade do Porto, que as demonstrações festivas atingiram proporções de maior entusiasmo. Allí, os edificios publicos e muitos particulares apareceram logo de manhã exuberantemente adornados de palmas e pendões. Em frente aos paços municipaes, houve toque de alvorada, e inumeras girandolas de foguetes subiram aos ares anunciando o começo das festas. Na praça da Republica organizou-se um longo cortejo, engrossado, instante a instante, de corporações, colectividades, tropas revolucionarias e bandas de musica. Por entre alas compactas de povo, o cortejo seguia, vitoriado por manifestações frequentes de simpatia.

A' frente um piquete de cavalaria de guarda-republicana, levando atrás de si a mole enorme

de povo: bombeiros voluntarios, membros da Cruz-Vermelha, associações de classe e de socorros mutuos, gremios musicaes e de recreio, gremios de instrução, sociedades de instrução militar, internados da Tutoria Central da Infancia, filarmônicas, centros e agrupamentos politicos, asilos, juntas de parochia, magistrados, vereadôres...

A's duas horas da tarde, o cortejo entrou no cemiterio do Prado do Repouso, e desfilou em frente do monumento das vitimas do 31 de Janeiro, que era profusamente adornado de corôas, palmas e ramos de flôres. As colectividades, á medida que iam passando, faziam continencia e depunham as flôres de saudação.

Disseram-se discursos em testemunho de reconhecimento pelo sacrificio prestado ao ideal que só poude ser realisado em 5 de Outubro de 1910

De regresso do Cemiterio, a Camara fez uma grande sessão de apoteose á Republica e á Patria Portugueza.

Distribuiram-se abundantes bodos aos pobres.

A' noite, aureolaram-se, a capricho, de iluminações, varios edificios publicos e casas particulares, e as casas de espectáculo, enormemente concorridas, realisaram recitas de gala.



MANIFESTAÇÃO JUNTO AO MAUSOLEU DOS VENCIDOS DO 31 DE JANEIRO (Clichés de J. Azevedo)

«TUDO»

Versos por Julio Ribeiro

Nas frases corajosamente explicitas que exara na primeira pagina do seu livro — reconhece-se bem que Julio Ribeiro soube, sem illusões, observar a nossa pequenina sociedade de literaticos e politicos recém-chegados. E assim, ao lançar, num gesto de desdem, á tona da publicidade, a obra do seu carinho mais puro e amor mais enternecido — o seu primeiro brado é de desafio audaz á matilha de fraldiqueiros marinhos que de longe raivam. Homem de acção — recolheu, por condições sociaes de momento, a energia insofrida que ameaça subverter e estilou, em sonho e ritmo, a ancia indomita de sinceridade que acompanha o latejar do seu coração de poeta e português.

Nós vimos lucidamente nas fases mais ou menos longas, mais ou menos acidentadas, que nuançaram, em *étapes*, a sua vida. E logo, de principio, nos confessa despreocupadamente o autor: «Eu sei lá se este prefacio nasce dos versos que adiante vão, se, pelo contrario, estive para ahí sonetando para justificar estas linhas!...»

«Dando publicidade agora a versos, ao dobrar pachorramente o cabo desiludente dos 40, depois de ter a vina do lyrismo de cordas bambas longos annos, se não é perpetrar um atentado contra o proprio caracter combativo retemperado em lutas de jornalismo, é, pelo menos, uma aparente evolução do temperamento literario caracterizado em renhidas escaramuças com gente de talento, intellectual e honesta, e tambem, graças a Deus! com muito cynocephalo e mariola.»

Tudo é, pois, um livro de sinceridade. Não pretende impôr-se á nossa attenção, imperiosamente — antes, simples, de leve, solicita sympathia. Julio Ribeiro escreveu-o, por urgencia de temperamento, necessidade mental ou mera condição de espirito. Harpa eolia que uma brisa, subita e ignota, impressiona — surgiram, de longe, de perto, acontecimentos que puseram no seu coração toques subteis de emoções. Julio Ribeiro coligiu, em volume, as suas poesias — como jardineiro enternecido que se revê de encanto nas flôres que a natureza lhe deu prodigamente e ele cultivou e dispôs, com arte, na sua leira.

Tudo é tudo quanto soube aliciar a sua sensibilidade e solicitou o esforço do seu espirito — magoa, prazer, ironia, entusiasmo, enternecimento, sentimentos que em nada se resumem e abrangem tudo, vãos que varam de relance o infinito e vem, afinal, abrigar-se num ramo pequenino e fragil de arvore...

O *Nada* é *Tudo* que por si se extingue...

Tudo e *Nada* — são sonhos de poeta,
Que se confundem e ninguem distingue!

Este livro é um comentario preciso da indole moral e intellectual do seu autôr.

Probilidade, simplicidade, sinceridade — eis três palavras que o põem em relevo e o caracterizam vigorosamente.

Dos seus versos, com justiça, diremos — «que, não tendo a imponencia engrimpada dos altos monumentos, nem a filigranisação dos lavôres d'ouro genovês, nem a levesa vaporosa das rendas d'Alençon, têm a grandêsa da simplicidade» que seduz irresistivelmente a nossa comovida sympathia.



NECROLOGIA

Antonio Eduardo Villaça

Apoz prolongada enfermidade, que a sciencia não conseguiu vencer, foi arrancado á Patria, que o estremecia, um dos seus mais amados filhos, o conselheiro Antonio Eduardo Villaça. O seu sublime espirito transpôz, na madrugada de 28 de Janeiro, as fronteiras d'esse

...undiscovered country from whose bourn
No traveller returns.

na phrase tragica do enigmatico *Hamlet*.

Não mais ouviremos a sua palavra meiga e reconfortante; nunca mais nossos olhos contemplarão a figura gentil, attrahente e sempre moça d'aquelle que, desde os bancos de Coimbra, era conhecido pelo *Villacinha*, tendo grangeado a



CONSELHEIRO DR. A. EDUARDO VILLAÇA

estima e a admiracão de todos, graças ao seu caracter do mais puro crystal e ao seu talento verdadeiramente grande.

O seu coração magnanimo desentranhou-se na pratica constante do *Bem*, da *Verdade* e da *Justiça*, santa trindade que nunca esteve tão sublimemente consubstanciada como em Antonio Eduardo Villaça, que foi um verdadeiro homem de bem, um professor distinctissimo, um extremado patriota e um exemplarissimo chefe de familia.

A sua actividade incessante, guiada por uma vasta intelligencia e servida por uma bondade sem limites, teve sempre em mira os mais altos interesses da Patria, que d'elle recebeu inolvidaveis serviços e o testemunho vibrante da maior probidade politica e administrativa.

Ao conselheiro Villaça recorreram muitissimos desprotegidos que, como eu, careciam do auxilio da sua influencia, que era grande, do seu conselho, que era paternal, e da sua palavra, ao mesmo tempo affectuosa e dominadora, pela energia das convicções e da fé que o animavam. O seu grande valimento foi-me poderoso guia e incentivo nos vacillantes e incertos passos da vida. Foi *Elle* o primeiro homem publico que conheci e que se dignou auxiliar-me com a luz da sua intelligencia e as fulgurações do seu coração. D'*Elle* recebi varias demonstrações de carinho e de immerecida consideração. Nunca, porém, a minha timidez e natural retrahimento me permittiram que verbalmente ou por escripto lhe dêsse publico testemunho da minha profunda gratidão.

Nestas columnas do OCCIDENTE, como o *Hamlet* na esplanada do *Castello de Elsinore*, eu evoco, lá d'esse paiç desconhecido, d'onde nenhum viajante volta, o espirito do meu inolvidavel amigo, não, como no heroe de Shakespeare, para vingar a morte de seu pae, o rei da Dinamarca, pois que a vingança é ideia absolutamente estranha á fecundante e pacifica existencia, mas para patentear á sua memoria immortaldoura o tributo do meu imperecível reconhecimento.

O conselheiro Antonio Eduardo Villaça tinha 61 annos, pois nasceu em 14 de Dezembro de 1852. De origem modesta, ascendeu ás culminancias da politica e do professorado. A's suas maneiras correctissimas, á sua esmerada educação, á nobreza da sua alma, eram estranhos os rancores, as invejas, as retaliações. Foi por isso que o cortejo funebre para o cemiterio dos Prazeres assumiu o aspecto de verdadeira apothose: a concorrência enormissima de collegas e amigos de Eduardo Villaça mostrou ao Paiz que a sua morte é uma perda nacional. Ali se congregaram representantes do professorado superior, da politica, da litteratura, das artes, das sciencias, da burocracia; dos mais proeminentes aos mais humildes, todos com o coração despedaçado e os olhos arrasados de lagrimas, verbo mudo, expressão eloquente da

.....dôr que lhes ficou
Da magoa, sem remedio, de perde-lo
como diria o nosso grande epico.

D'entre os sentidos discursos proferidos á beira da sepultura, enaltecendo a obra do saudoso extincto, destaca-se o do meu venerando professor, eximo estadista, notavel juriconsulto e grande patriota, conselheiro Francisco Antonio da Veiga Beirão. Permitta-me S. Ex.^a que transcreva para estas columnas parte do magistral retrato do seu illustre collega e nosso chorado amigo:

«Triste condão de quem vive, este de acompanhar ao cemiterio os amigos, os collegas, os correligionarios.

E que amigo, que collega, que correligionario o Villaça.

Talento para o qual não havia difficuldades, caracter em que não cahira mancha, coração que nunca conheceu inveja ou odio.

Tudo quanto era e tudo quanto fazia — e foi muito e muito fez o nosso Villaça — foi-o e fê-lo com notavel superioridade. Mas essa elevação nem o envaidecia a elle nem humilhava outrem: pois tinha o segredo de a saber disfarçar com um tacto admiravel, com a mais fina delicadeza e sobre tudo com um encanto tal que fazia d'elle um verdadeiro «charmeur».

Antonio Eduardo Villaça era professor da *Escola de Guerra* e do *Instituto Superior Technico*, logares que desde ha muitos annos occupava com superior distincção. A oração de sapiencia que proferiu em 1901, na antiga Escola do Exercito, é uma preciosa condensação dos conhecimentos scientificos do seculo XIX e que só um vasto talento seria capaz de produzir.

Emygdio Navarro conheceu-lhe as altissimas qualidades de engenheiro e conseguiu attrahilo á vida politica.

Em 1886 é eleito deputado progressista, logar que mantem em todas as legislaturas, até que é nomeado par do reino.

Em 1896 collaborou num relatorio do ministro da fazenda Hintze Ribeiro, na parte respeitante á estatistica, ramo scientifico em que foi eximio, quer como chefe de repartição, quer como *director geral da Estatistica e Proprios Nacionaes*, onde deixou trabalhos de valor.

Em 1898 ascendeu a ministro da marinha e ultramar, redigindo então um relatorio, que é um monumento de estudo e em que estão compendiadas muitas medidas importantes, entre as quaes uma proposta de *fomento das colonias*.

Em 1904 sobraçou a pasta de ministro dos estrangeiros, em cuja difficil missão ficaram vinculadas as extraordinarias facultades do seu altissimo talento de homem de saber e de diplomata. Perduram ainda, se bem que toldados por uma longinqua nuvem de receio pelo futuro, os echos da viagem regia em Novembro e Dezembro d'aquelle anno á côrte de Inglaterra e ao Presidente Loubet. No Palacio de Windsor e no Elyseu o conselheiro Villaça recebeu as provas do maior apreço dirigidas a Portugal, conquistando em toda a parte a sympathia e a admiracão dos vultos mais proeminentes da politica.

Era tenente coronel d'engenharia, arma em que se alistou em 1873, e administrador delegado da Companhia de Moçambique, onde prestou assinalados serviços, orientados todos no alto intento de bem servir a Patria que muito amou e defendeu.

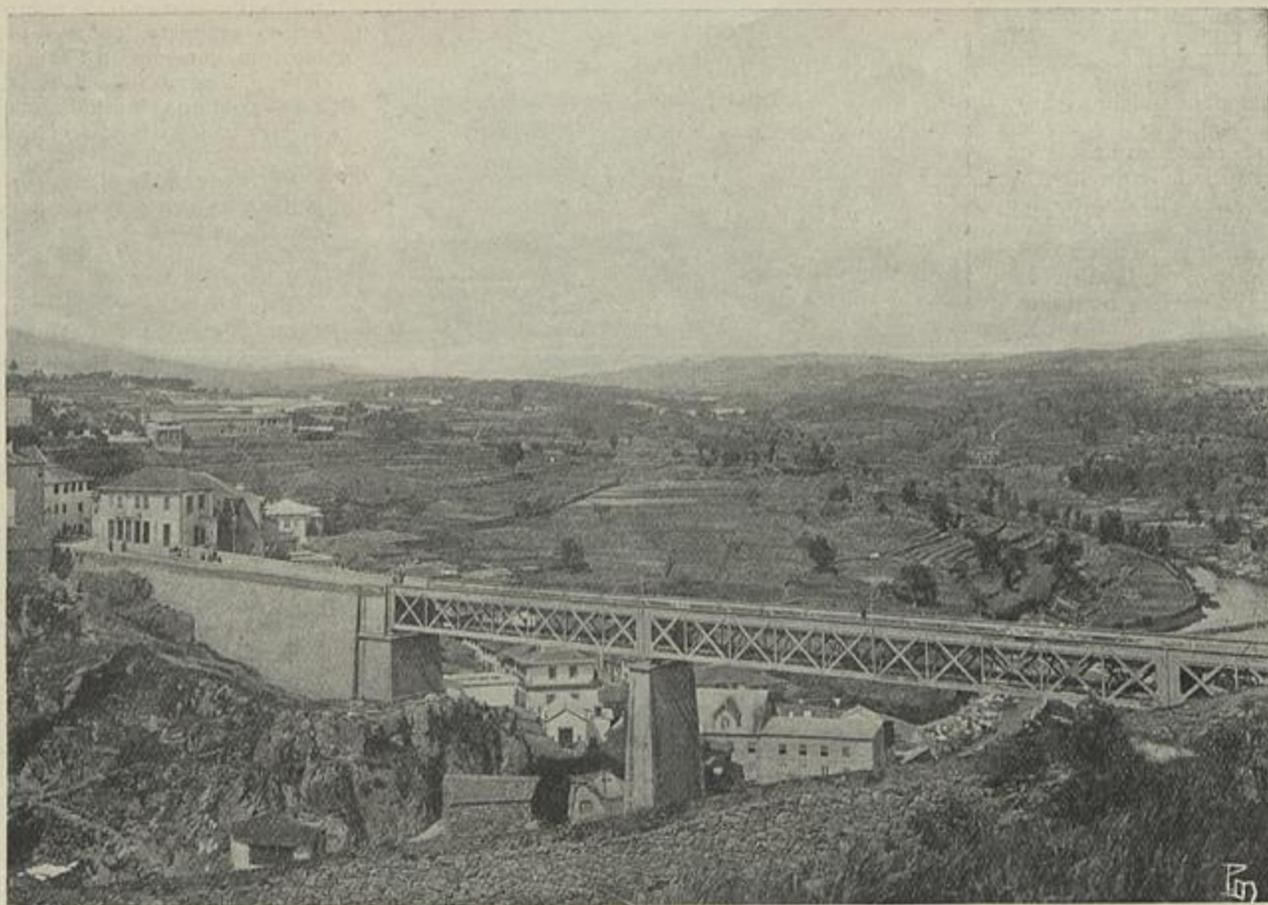
Sua illustre familia herda, não os bens que os accasos da sorte d'um momento para o outro desmoramam e aniquilam e que o trabalho tenaz, intelligente e honrado do seu chefe não conseguiu proporcionar-lhe, mas um nome aureolado de gloria, o nome d'um homem illustre, d'um prestantissimo cidadão, d'um grande patriota.

Que o seu espirito nos sirva de pharol nesta tenebrosa senda da vida, como exemplo a seguir na marcha para o futuro. A familia perdeu o chefe insubstituivel, e a Nação ficou privada d'um Homem!

O conselho de administração da Companhia de Moçambique que acaba de prestar homenagem aos relevantes serviços prestados pelo sr. Eduardo Villaça, resolvendo, por proposta do sr. Carlos F. dos Santos Silva, presidente do conselho de administração e com a adhesão prévia dos *comités* estrangeiros que em recompensa dos serviços prestados por aquelle illustre funcionario á Companhia, fôsse entregue á viuva e filhos a quantia de duas mil libras, e que ainda em reconhecimento da sua notavel administração se proovesse no logar de secretario do conselho de administração, ultimamente creado, o filho do fallecido estadista sr. dr. Eduardo Ramires Villaça.

Lisboa, 4-2-914.

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA.



PONTE SOBRE O CORVO EM VILLA REAL DE TRAZ-OS-MONTES (Cliché do sr. Antonio P. A. Leite)

Uma opera portugueza

«O que morreu d'amor»

Está ainda bem gravado na memoria de todos, o successo que este drama despertou quando pela primeira vez representado em Lisboa; foi o

primeiro trabalho theatral do illustre escriptor dr. Julio Dantas.

Foram os primeiros passos que o illustre escriptor deu na ardua carreira de dramaturgo, corôada mais tarde pela *Ceia dos Cardeaes* e por outras obras de valor.

Um novel compositor portuguez, artista de grande talento, bellamente admirado no nosso meio artistico, o sr. Thomaz de Lima acaba de pedir ao auctor a devida licença para fazer da

peça uma opera, pedido que foi recebido pelo sr. dr. Julio Dantas com o maximo interesse, indo apropriar algumas scenas para o futuro trabalho musical.

Estamos certos que Thomaz de Lima saberá dar á nova opera *O que morreu d'amor*, toda a chamma do seu talento, como provou na *Moabitá* e ha dias nos concertos do *Polyteama* com a sua peça *Cantos do meu pai*, verdadeira ode symphonica á Patria Portugueza!

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Almanaque Ilustrado do "Occidente"

PARA 1914

PREÇO 100 réis — Pelo correio 120

Está publicado e á venda em todas as principaes livrarias e tabacarias e na provincia em casa dos agentes

Empreza do Occidente

Poço Novo — LISBOA

Comprem os Bordados **Schweizer**

franco de porte a domicilio

Vestidos Blusas
desde Fr. 11.80 desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças
desde Fr. 5.90

No melhor bordado suizo sobre cambraia, voile, crêpon, toile e sobre sedas novidade. Peça, a nossa colleção 163 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne, Suissa

CONTRA A TOSSE

MARQUE V'ATORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C., Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis

Cada lata " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias